

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ

Redactor principal — ALEXANDRE VIEIRA



PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

ANO IV — Número 1.153

Quarta feira, 30 de Agosto de 1922

PREÇO — 10 CENTAVOS

Redacção, Administração e Tipografia

Calçada do Combro, 38-A, 2.º Lisboa — PORTUGAL

Endereço telegráfico: Talhava-Lisboa * Telefone 5333-0

Oficinas de impressão — Rua da Atalaia, 111 e 115

Uma viagem inútil

Aparências que nos arruinam, estados que nós pagamos e a agricultura e a indústria criminosamente abandonadas ...

Uma intelectualidade duvidosa representando um país de analfabetos

Com dificuldades, com peripécias ridículas que puzeram bem patente o desleixo, a desorganização, a desmoronamento do Estado capitalista, lá conseguiram fazer-se ao largo o vapor *Pórtio*, dos Transportes Marítimos do Estado, que leva o presidente da república e a sua numerosa comitiva.

Esta viagem presidencial daria um belo romance de costumes. O que nós não teríamos de analisar no que respeita à futilidade cara da diplomacia, à podridão de alma dos rapinantes fornecedores do Estado, à comédia das representações intelectuais!

O brilho, o luzimento que se quer dar à representação portuguesa no Brasil não estão nas nossas posses, porque o país está arruinado; a legião feroz de ambiciosos sem escrúpulos que sobre ele caiu após a guerra quase o devorou.

Estamos fracos, crivados de dívidas que os maus políticos nos arranjaram com a sua péssima administração; os agricultores deixam criminosamente incultos terrenos fecundos; as indústrias vegetam, as profissões parasitárias medram e em vez de se cuidar de reerguer a economia num país que tem recursos, organizam uma viagem presidencial ao Brasil, gastando-se de entrada dois mil e quinhentos contos e ainda o navio, que viaja com lenitão, deve ir à vista da nossa costa.

Sob o pretexto de fazer representar condignamente a intelectualidade portuguesa, escolheram ao acaso algumas figuras, na sua maioria anónimas, dumha intelectualidade muito desentrevista, passando-lhes para as mãos alguns contos — e a remodelação completa do ensino primário, construção de escolas, ataque tenaz ao analfabetismo (e tudo isto seria melhor propaganda da intelectualidade portuguesa que a ida de meia dúzia de figuras ao outro lado

NOTAS & COMENTARIOS

Filhos perdidos...

O vapor português *S. Jorge*, foi arrestado, à sua chegada a Pernambuco. Porque? Porque o comandante do navio fizera naquela cidade brasileira requisições, que não pagou, na importância de noventa e três contos. Dis o telegrama que isto relata, que a impressão foi péssima. E acreditamos. Preguntamos agora que utilidade tem a viagem presidencial, em que se principiou por esbanjar 2.500 contos, a fim de prestigiar Portugal, quando os nossos navios estão ferrando «cão» em todos os cantos do mundo? É não pensarmos os brasileiros que serão muito mais útil e prestigioso pôr-se com o dinheiro destinado à viagem presidencial, algumas das dívidas que por ai andam espalhadas, como filhos perdidos? Devem pensar.

Convém notar que o *S. Jorge* pertence aos Transportes Marítimos... Angel Pestana

Angel Pestana é um homem prestigioso elemento sindicalista espanhol, foi bárbaramente alvejado a tiro. Encontra-se em estado grave. O ferido declarou que os tipos que o atingiram foram disparados por um só indivíduo. Mas do que estamos convencidos é que foi uma legião reacionária que arrombou o braço que pretendia vitimá-lo.

A pedrada!

Há uns tempos para cá que por essa província vai um ódio surdo contra os combóios que velocemente a atravessam. Exterioriza-se esse ódio pela forma primitiva e bárbara da pedrada violenta. A que atribuir esse ódio? Quais serão as suas causas? Não sabemos. Registamos apenas, com indignação, algumas vítimas inocentes e um caso quase fatal — o do sr. Henrique Gouveia, do Caso Pia Atlético Club.

U. S. O.

Comissão Administrativa

Reuniu a Comissão Administrativa, que apreciou a situação financeira da União, resultante do último movimento, resolvendo fazer o apelo ao operariado de Lisboa e arredores, que venha publicado em outro local.

Apreciamos o relatório do movimento que será publicado em *A Batalha* para os delegados desta União poderem estar aptos a discuti-lo no conselho que reúne na próxima sexta-feira.

Aos nossos assinantes de Lisboa

Prevenimos, por este meio, os nossos estimáveis assinantes que se encontram no correio os recibos das suas assinaturas.

Muito grata fica a administração de *A Batalha* em não serem devolvidos aqueles recibos sem pagamento.

A todos os assinantes, camaradas e sindicatos rogamos para deixarem avisadas as pessoas de família e respectivos continuos para satisfazerem o pagamento quando o cobrador o apresentar.

A administração.

U. S. O.

Ao operariado de Lisboa e arredores

A U. S. O. ao sair do último movimento em prol dum único tipo de pão, constata um «deficit» de mil e quinhentos escudos aproximadamente e não encontra maneira de poder caminhar com os embarcos que lhe advêm destas dividas.

Assim, a sua comissão administrativa resolveu convidar o operariado de Lisboa e arredores a contribuir por uma só vez com a quantia de um escudo, afim de por esta manobra se liquidar essa divida e esta União poder seguir no caminho encetado.

No próximo sábado, das 17 horas em diante, estará nesta sede quem receba essas quantias.

Aqueles, porém, que não aceitem obrigatoriedade de um escudo, poderão usar da liberdade de contribuir com menos ou mais.

Uma insinuação grave

A fim de nos dar explicações sobre uma insinuação vinda a público, a qual se cifra na acusação de ter a C. G. T. reclamado a elementos revolucionários outubristas a morte do sr. Raul Esteves, procurou-nos o sr. José Silva, que nos prometeu esclarecer por carta que nos enviará hojé como os casos se passaram e provar que a acusação feita a C. G. T. é absolutamente destituída de fundamento.

As hortaliças

A partir do dia 1 de Setembro o mercado deixará de ser abastecido

Procurou-nos uma comissão da Associação dos Agricultores e Horticultores, composta pelos srs. Carlos Coelho, António Antunes Coimbra, João Henrique de Abreu, Leonardo Cardoso e Vasco Gamito a fim de nos comunicar que há três meses que a sua associação anda realizando «démarches» no sentido de evitar que se efectue o aumento de 200% das taxas municipais que veem sobre-carregar duma forma insustentável as hortaliças. Procuraram ultimamente o presidente de ministério e governador civil que lhes prometeram diligenciar harmonizar as coisas.

Como, porém, a Câmara Municipal não desiste de lhes arrancar tam grande impôsto e como entendem que o público, por sua vez, não pode ser mais sobre-carregado, resolveram do dia 1 de Setembro em diante deixar do fornecer hortaliças ao mercado, até que a resolução camarária se modifique.

Sanidade pública

Segundo o Boletim de Sanidade Interna, na semana finda em 19 do corrente, manifestaram-se em Lisboa 3 casos de difteria, 1 de febre tifóide, 1 de meningite e 16 de varola.

A administração.

NO FORTE DE MONSANTO

Um enfermeiro «benemérito»

Ao contrário dos boatos que correram, o enfermeiro Alegria ainda não foi suspenso, nem o director da cadeia, o responsável pelos seus crimes, mandou proceder a um inquérito!

Do Forte de Monsanto recebemos a seguinte carta que publicamos com prazer:

Camarada redactor: — Ouso mais uma a fim de lhe expor o seguinte:

Vou publicado na «Batalha» do dia 27 do corrente uma notícia que nos alegrou em princípio, ou seja a suspensão do enfermeiro-carrasco desta cadeia.

Mas a notícia, parece-nos não passar duma quimera, e o alzgo, continua na sua marcha vertiginosa ameaçando todos, sorriindo-se cínicamente, a ponto de exaltar os animos, não só pela parte dos reclusos como pelas próprios empregados desta cadeia.

Não se pode compreender como o sr. director seja a capa desse bando, e que até hoje ainda não tomasse providências energicas.

Sabe-se de fonte limpa que o sr. director está em Lisboa, sem que até hoje se demonstre.

O que quer o sr. director?

Uma sublevação geral da parte dos reclusos, que custava talvez algumas vidas?

O bando, não sai, o assassino fica, ser publicado estes casos que várias vezes temos dado ao conhecimento do camarada redactor, até que o sr. director resolva a suspensão do bando ou então até que s. ex.º o sr. ministro

da justiça proceda a um rigoroso inquérito não só pela parte do bando

mas até mesmo proceder em igual circunstância pelo proceder do sr. director, o capo do enfermeiro.

Esta carta que envio ao camarada redactor, são ais que se teme brotado cá para fora, ais estes cheios de pureza e de sinceridade os quais são lançados nos muros, sómente porque um homem grande na pessoa, mas pequeno na alma com o pseudônimo de director, não quer que se faça justiça.

Mais uma vez lhe rogo a publicação desta, e creia-me com têda a consideração. — Eusébio Luís de Paula Rodrigues Quintas. — Sector C., Forte de Monsanto.

Este bando a quem lhe cabe as honras de ter cometido as maiores barbaridades durante o século XX, continua o seu mister de alzgo, esperando talvez que algum recluso tenha a infelicidade de adoecer, para o submeter ás torturas, como outrora na Santa Inquisição.

Rogo ao camarada redactor que não devaneja esta causa, custe o que custar, e sem melindre, camarada redactor: se a falta de papel não oferece a contingência desta justa campanha, queira mandar dizer o que será preciso, para

ser publicado estes casos que várias vezes temos dado ao conhecimento do camarada redactor, até que o sr. director resolva a suspensão do bando ou então até que s. ex.º o sr. ministro

da justiça proceda a um rigoroso inquérito não só pela parte do bando

mas até mesmo proceder em igual circunstância pelo proceder do sr. director, o capo do enfermeiro.

Esta carta que envio ao camarada redactor, são ais que se teme brotado cá para fora, ais estes cheios de pureza e de sinceridade os quais são lançados nos muros, sómente porque um homem grande na pessoa, mas pequeno na alma com o pseudônimo de director, não quer que se faça justiça.

Mais uma vez lhe rogo a publicação desta, e creia-me com têda a consideração. — Eusébio Luís de Paula Rodrigues Quintas. — Sector C., Forte de Monsanto.

Ao que parece o director teme as ameaças do enfermeiro Alegria. Porque de contrário já teria procedido, conforme manda o peso tremendo das responsabilidades que lhe cabem.

En que ficará tudo isto?

• • •

Selvageria revoltante

No quarto particular n.º 15 do hospital de São José foi então operado o trépano pelo dr. sr. Silva Araújo coadjuvado pelos drs. srs. Celestino Henriques e Víctor Fóntes, o sr. Henrique Gonçalves, da casa Pia Atlético Club que quando há dias se dirigiu para Espanha, onde lhe tomou parte em um desafio de foot-ball, foi vítima de um apedrejamento ao comboio em que viajava, ficando com o crânio fracturado.

Em vez de fazer-se obra de fomento, gasta-se dinheiro e tempo com uma viagem presidencial espaventosa que mais ridiculariza a nossa triste situação económica e financeira.

OS FACTOS IMPÕEM-SE!

O ÚLTIMO MOVIMENTO MORALMENTE VENCEU

Ensinaamentos aproveitáveis

Proclamada a greve geral, pôde observar-se que a mesma era correspondida por uma forma galharda. Poucos foram os que no trabalho ficaram. Apenas os operários dos transportes urbanos davam a triste nota de que a greve não era geral.

E' que há uma classe que, pelo seu serviço especial, suscita sempre atenções preferentes, a ponto de as restantes pautarem o seu procedimento pelo procedimento dela. Essa classe é a dos agentes provocadores ao serviço da patronal ou da autoridade com o fim de concitarem ódios contra o movimento e contra os grevistas.

Com efeito, quem dá vida a uma cidade, essa vida visível e movimentada, são as classes de transportes. Não são, porém, só essas classes. Outras há que talvez sejam mais necessárias: são as que abastecem os mercados, as das águas, da luz, da panificação, etc., de que poucos se lembram.

No entanto, porque tem a seu cargo serviços essenciais e indispensáveis para a vida dumha população, o seu concurso directo e imediato numa greve geral é indispensável para decidir dum pleito. Todas, de resto, estavam interessadas no último movimento.

Mas o que salta imediatamente a vista são os transportes e como entre estes o mais visível e espectacular, pela sua maior intensidade, é o da viação eléctrica, todas as atenções se voltam para os eléctricos. E por tal forma isto acontece que já as restantes classes de transportes se julgam desobrigadas de acompanhar uma greve se nela não vêem de logo o pessoal dos eléctricos.

Ainda este facto é mais um ensinamento que deve merecer as atenções da organização em futuros movimentos gerais, pelo que respeita aos meios de comunicação com a massa em luta e a quem é necessário orientar convenientemente.

Entre tantas contrariedades lutavam os comités que se viram forçados a pressionar a conclusão ou suspensão do movimento.

Iniciadas as «démarches» por uma comissão especial, pôde a mesma conseguir a aquiescência tácita do presidente do ministério para que o comissário dos abastecimentos, que acabava de ser nomeado, encontrasse uma solução transitoria, e, como que a selar essa aquiescência, ordenava a reabertura das dependências de *A Batalha*. O referido comissário elaborou o edital já conhecido.

O comité local fez então distribuir um pequeno manifesto, que muito a custo conseguiu ver impresso, no qual dava o movimento por terminado, uma vez que as negociações para a solução do conflito iam bem encaminhadas.

Mas, porque dous fórmulas com o label confederal haviam sido apresentadas, não pôde o manifesto do comité central sair com o label, em virtude de no momento não se poder conseguir outro. Verifica-se então este gesto admirável por parte da maioria dos grevistas e que destruiu retumbantemente certas apreciações de ânimo leve feitas por conspicuos mestres que se permitiram afirmar que as massas fazem greves inconscientemente. Como no manifesto faltava o label confederal, consideraram o mesmo falso, desprezaram as suas indicações e, conscientemente, prosseguiram na greve!

Antes mesmo de serem suspensas as garantias, era encerrada a sede da C. G. T., de *A Batalha* e dos restantes organismos operários da Calçada do Combro, em seguida cercados pela guarda republicana com metralhadoras. O terror era iniciado pelo cobarde assassinato do operário Guilherme Lima

por um chefe de polícia, seguindo-se-lhe outras lutas isoladas, algumas de corpo a corpo entre populares e a polícia, armada de chanfhalho, de pistola e ainda com espingardas. As bombas fôrâm uma consequência, apesar de algumas delas, pelas circunstâncias em que explodiam, não serem contra os grevistas.

Mas parece que quem assim o não desejava eram as criaturas encarregadas de exercer a censura, que não só cortaram a maior parte da matéria, incluindo o mesmo a que dava o movimento como suspenso, como nem mesmo lhe permitiu o «visto» proibindo a divulgação do suplemento, quase em branco, naturalmente para evitar o escândalo da sua atribuição de perseguição.

No dia seguinte tentava-se a publicação dum suplemento à *A Batalha*, em que esse manifesto era transcrito, inserindo igualmente uma nota oficiosa da C. G. T., na qual se comunicava a toda a organização que o movimento era suspenso, até que a comissão, que da cópia do edital constava, desse conta do estudo a que ia proceder, prosseguindo ou não, depois, o movimento, conforme as circunstâncias.

Mas parece que quem assim o não desejava eram as criaturas encarregadas de exercer a censura, que não só cortaram a maior parte da matéria, incluindo o mesmo a que dava o movimento como suspenso, como nem mesmo lhe permitiu o «visto» proibindo a divulgação do suplemento, quase em branco, naturalmente para evitar o escândalo da sua atribuição de perseguição.

No dia seguinte tentava-se a publicação dum suplemento à *A Batalha*, em que esse manifesto era transcrito, inserindo igual

O que são estes comissários? Entre elas havia comunistas, muitos anarquistas e mesmo sindicalistas; os comissários não são técnicos e não conhecem a guerra, mas quando há uma traição tem o direito de fazer fuzilar o chefe militar. É um direito não dado pela lei, mas adquirido pela força da revolução.

livem contra nós batalhões de oficiais, esses homens, muito bem organizados militariamente, combatiam-nos porque julgavam que os bolchevites eram bandidos e que a Rússia caia em decomposição.

Que fizemos nós contra estes batalhões russos? Formámos batalhões de comunistas, de sindicalistas e de operários que, marchando contra a contra-revolução, caíram sobre estes oficiais como diabos; assim foi detida a onda contra-revolucionária.

Pode discutir o que quizerem acerca do exército vermelho. Nem por isso é menos verdade que se o exército vermelho não existisse, a Rússia já teria pago a sua revolução com centenas de milhares de cadáveres.

Não exagero, camaradas. Fazem vós mesmos uma pequena operação aritmética: dois meses de guerra em França custaram 30.000 vidas de operários; quanto deveria pagar o proletariado russo, por quanto anos? Fazem a multiplicação e pensai que não se trata só de Paris, mas de toda a Rússia que tem 150 milhões de habitantes. Vereis então que se não tivessemos organizado o exército vermelho, centenas de milhares de operários teriam sido mortos pela contra-revolução nacional ou internacional.

Todos contra o Estado

Vou abordar a questão do Estado, o Estado que se escreve com maiúscula,

não com e pequeno simplesmente; é o grande Estado, que vou falar. Nós somos todos contra ele; e com efeito, o que se entende por esta designação?

Não me quero referir à política em França; tratei antes dum Estado qualquer, dum Estado X ou Y.

O Estado é a força concentrada da classe dominante e todos, vós sois subordinados pelas suas instituições: justiça, polícia, governo, tribunais, por todos os lados estais presos pelos tentáculos desse organismo que se chama Estado.

Para combater um organismo concentrado, podia-se na Rússia iniciar uma ação aos bocadinhos nas diferentes regiões? Não. Era preciso destruir tudo e, criando um organismo que não correspondesse aos antigos, criar ao mesmo tempo um certo número de organismos novos cujo conjunto devesse ser o Estado.

No dia seguinte ao da Revolução, por exemplo, foi preciso combater a contra-revolução, e eu penso que nem um único dos libertários que aqui se encontram será capaz de afirmar que devesse ser deixada à vontade para se tornar partidário da liberdade, mas pode ser que isso impede que se reconheça necessário combater a contra-revolução. Era preciso confiscar as oficinas, as fábricas, organizar a produção e a defesa exterior e interior. Todas estas instituições: conselhos de fábricas, soviets, sindicatos, constituem o Estado proletário; todas estas instituições de distribuição, de organização, de repressão, formam ainda um Estado.

Até quando conservaremos este organismo? Até ao dia em que o capitalismo desaparecer, não num único país, mas em todos os países.

A questão apresenta-se: pois da maneira seguinte: não se pode fazer desaparecer o Estado e dizer-se que se é contra o Estado. Porque, se nos colocamos nesta posição, que nos fica então para fazer?

Vós sois aqui representantes de sindicatos. Os sindicatos russos formaram as guardas vermellas; tomaram posses das oficinas e criaram uma polícia que vigia para que os contra-revolucionários não façam ir pelos ares. Mas, depois...

Diz-se que o sindicato é completamente autônomo. Em suma, vós não sois autônomos vis-à-vis dos aliados, vis-à-vis da França, e quando vos atiram matraca à cabeça, não tendes mais do que atirar uma contra-matrica.

Os nossos sindicatos russos participaram na construção civil, cujas lutas e durante a guerra, observaram bem. Supõe que estais em greve há cinco ou seis semanas. Começai a fraquejar; as crianças não temem que comer, as mulheres não dizem nada mas vêem que estão inquietas, e os homens vêm a reuniões, mas começam a murmurar:

«Acaso isto vai durar sete ou oito semanas? Mas o que é que faz o sindicato?» Então, vós esforçais-vos por remar contra a corrente, e dizeis: «Que ninguém desanime, caminhamos para a vitória!»

E marchareis avante, mesmo que, na multidão, criaturas haja que digam:

O SINDICALISMO EM MARCHA

16

1.º Congresso da C. G. T. Unitária

realizado em Saint-Etienne de 26 de Junho a 1 de Julho

Porque os russos não pensam ter feito uma revolução de trazer por casa. Quando nos apoderámos das oficinas, Paris recebeu o choque. E' que o nosso movimento é comparável à electricidade, tem a sua repercussão na Bélgica e nos outros países. Porquê? Porque antigamente a revolução havia milhares de rublos-oiro de capitais nas oficinas e nas fábricas; haviam valores russos, havia tudo que a Bólsa internacional, tudo o que os Bancos possuem para explorar a classe operária. Para fazer desaparecer o sistema capitalista organizado internacionalmente, é preciso que a nossa revolução seja equilibrada entre os outros países por revoluções análogas, e o Estado desaparecerá quando os maiores países tiverem vencido. O período entre a constituição dum movimento de coisas e a desaparição do antigo não depende de nós — depende de vós. (Aplausos).

O país que em último lugar entra em combate verá o seu período transitório reduzido, não porque as ideias libertárias tenham feito caminho, mas muito simplesmente porque terá sido o último a fazer a revolução.

A questão apresenta-se: pois da maneira seguinte: não se pode fazer desaparecer o Estado e dizer-se que se é

contra o Estado. Porque, se nos colocamos nesta posição, que nos fica então para fazer?

Vós sois aqui representantes de sindicatos. Os sindicatos russos formaram as guardas vermellas; tomaram posses das oficinas e criaram uma polícia que vigia para que os contra-revolucionários não façam ir pelos ares. Mas, depois...

Diz-se que o sindicato é completamente autônomo. Em suma, vós não sois autônomos vis-à-vis dos aliados, vis-à-vis da França, e quando vos atiram matraca à cabeça, não tendes mais do que atirar uma contra-matrica.

Os nossos sindicatos russos participaram na construção civil, cujas lutas e durante a guerra, observaram bem. Supõe que estais em greve há cinco ou seis semanas. Começai a fraquejar; as crianças não temem que comer, as mulheres não dizem nada mas vêem que estão inquietas, e os homens vêm a reuniões, mas começam a murmurar:

«Acaso isto vai durar sete ou oito semanas? Mas o que é que faz o sindicato?» Então, vós esforçais-vos por remar contra a corrente, e dizeis: «Que ninguém desanime, caminhamos para a vitória!»

E marchareis avante, mesmo que, na multidão, criaturas haja que digam:

«E' certo que estamos numa situação terrível, sofrendo uma fome espantosa, e que há entre nós um movimento de recuo; mas recuamos, é para melhor saltar. Se não tivessemos feito este movimento, estariamos esmagados. Os libertários, puros como as espadas e aço de Damasco, teriam com isso lucro alguma coisa! Não, não teriam ganho. E'sóisna, a Rússia bolchevista, ex-cidadã de Borges, as forças francesas de Barthou, mas com Borges, em nome de todos os proletários da Rússia, e com Bernard, bem depressa teríamos arranjado as coisas...»

Infelizmente a Itália, os seus recursos, seus bancos, suas fábricas não são ainda de Borges; as forças francesas de Barthou, mas com Borges, em nome de todos os proletários da Rússia, e com Bernard, bem depressa teríamos arranjado as coisas...»

Entre os que fraquejam, há mencheviques, há anarquistas. Mas que importa estas etiquetas? Vós marchareis sempre.

Em tais condições, a Revolução russa já não é uma revolução nacional; ela saiu do quadro nacional e fez estremecer o mundo inteiro. Não há um só país no mundo, quer seja a América, a África, a Ásia, a Austrália, onde os abalos desse terramoto se não sintam. Tudo o que se passa na Rússia tem uma importância internacional. As nossas derrotas são as vossas, as vossas são as nossas.

A nova política

Quando em 1920, fostes atraídos pelos «caravais» da rua Lafayette. (Movimentos...), sofreiste então um cheque. Na Itália, na Alemanha, foi o nosso sangue que correu. E' desse momento que datam as concessões e a nova política económica. De resto, não há nenhuma que acusar senão a vós próprios, e não a nós.

Os militantes censuraram-nos, mas nós podemos responder-lhes o que vós respondísteis quando a greve dos ferriários foi esmagada pela traição de certos homens. Actualmente estamos a Russa numa situação terrível, somos batidos, mas, por isso mesmo, não é momento em que nos encontramos numa situação tal que conviria nada fazer para os auxiliarem, ainda por cima nos procurando chicaneiros.

Hoje, diz-se um pouco por todo o lado: «Os bolchevistas vão a Génova, parlamentam, vestem um frac e põem um chapéu alto. Bem os conhecemos, os políticos!»

Se fizemos algumas concessões contra as quais certas criaturas se levantam,

«Bem sabemos porque sois partidários das greves; vocês recebem dinheiro; os comitês de greve governam-se, como os comissários na Rússia...»

Entre os que fraquejam, há mencheviques, há anarquistas. Mas que importa estas etiquetas? Vós marchareis sempre.

Infelizmente a Itália, os seus recursos, seus bancos, suas fábricas não são ainda de Borges; as forças francesas de Barthou, mas com Borges, em nome de todos os proletários da Rússia, e com Bernard, bem depressa teríamos arranjado as coisas...»

Em tal situação, a Revolução russa já não é uma revolução nacional; ela saiu do quadro nacional e fez estremecer o mundo inteiro. Não há um só país no mundo, quer seja a América, a África, a Ásia, a Austrália, onde os abalos desse terramoto se não sintam. Tudo o que se passa na Rússia tem uma importância internacional. As nossas derrotas são as vossas, as vossas são as nossas.

A nova política

Quando em 1920, fostes atraídos pelos «caravais» da rua Lafayette. (Movimentos...), sofreiste então um cheque. Na Itália, na Alemanha, foi o nosso sangue que correu. E' desse momento que datam as concessões e a nova política económica. De resto, não há nenhuma que acusar senão a vós próprios, e não a nós.

Os militantes censuraram-nos, mas nós podemos responder-lhes o que vós respondísteis quando a greve dos ferriários foi esmagada pela traição de certos homens. Actualmente estamos a Russa numa situação terrível, somos batidos, mas, por isso mesmo, não é momento em que nos encontramos numa situação tal que conviria nada fazer para os auxiliarem, ainda por cima nos procurando chicaneiros.

Hoj, diz-se um pouco por todo o lado: «Os bolchevistas vão a Génova, parlamentam, vestem um frac e põem um chapéu alto. Bem os conhecemos, os políticos!»

Se fizemos algumas concessões contra as quais certas criaturas se levantam,

«fomos a Génova, foi porque não pudemos vir a Paris e não podímos falar convosco. Se pudéssemos falar, não íamos Barthou, mas com Borges, em nome de todos os proletários da Rússia, e com Bernard, bem depressa teríamos arranjado as coisas...»

«Início a Itália, os seus recursos, seus bancos, suas fábricas não são ainda de Borges; as forças francesas de Barthou, mas com Borges, em nome de todos os proletários da Rússia, e com Bernard, bem depressa teríamos arranjado as coisas...»

«Início a Itália, os seus recursos, seus bancos, suas fábricas não são ainda de Borges; as forças francesas de Barthou, mas com Borges, em nome de todos os proletários da Rússia, e com Bernard, bem depressa teríamos arranjado as coisas...»

«Início a Itália, os seus recursos, seus bancos, suas fábricas não são ainda de Borges; as forças francesas de Barthou, mas com Borges, em nome de todos os proletários da Rússia, e com Bernard, bem depressa teríamos arranjado as coisas...»

«Início a Itália, os seus recursos, seus bancos, suas fábricas não são ainda de Borges; as forças francesas de Barthou, mas com Borges, em nome de todos os proletários da Rússia, e com Bernard, bem depressa teríamos arranjado as coisas...»

«Início a Itália, os seus recursos, seus bancos, suas fábricas não são ainda de Borges; as forças francesas de Barthou, mas com Borges, em nome de todos os proletários da Rússia, e com Bernard, bem depressa teríamos arranjado as coisas...»

«Início a Itália, os seus recursos, seus bancos, suas fábricas não são ainda de Borges; as forças francesas de Barthou, mas com Borges, em nome de todos os proletários da Rússia, e com Bernard, bem depressa teríamos arranjado as coisas...»

«Início a Itália, os seus recursos, seus bancos, suas fábricas não são ainda de Borges; as forças francesas de Barthou, mas com Borges, em nome de todos os proletários da Rússia, e com Bernard, bem depressa teríamos arranjado as coisas...»

«Início a Itália, os seus recursos, seus bancos, suas fábricas não são ainda de Borges; as forças francesas de Barthou, mas com Borges, em nome de todos os proletários da Rússia, e com Bernard, bem depressa teríamos arranjado as coisas...»

«Início a Itália, os seus recursos, seus bancos, suas fábricas não são ainda de Borges; as forças francesas de Barthou, mas com Borges, em nome de todos os proletários da Rússia, e com Bernard, bem depressa teríamos arranjado as coisas...»

«Início a Itália, os seus recursos, seus bancos, suas fábricas não são ainda de Borges; as forças francesas de Barthou, mas com Borges, em nome de todos os proletários da Rússia, e com Bernard, bem depressa teríamos arranjado as coisas...»

«Início a Itália, os seus recursos, seus bancos, suas fábricas não são ainda de Borges; as forças francesas de Barthou, mas com Borges, em nome de todos os proletários da Rússia, e com Bernard, bem depressa teríamos arranjado as coisas...»

«Início a Itália, os seus recursos, seus bancos, suas fábricas não são ainda de Borges; as forças francesas de Barthou, mas com Borges, em nome de todos os proletários da Rússia, e com Bernard, bem depressa teríamos arranjado as coisas...»

«Início a Itália, os seus recursos, seus bancos, suas fábricas não são ainda de Borges; as forças francesas de Barthou, mas com Borges, em nome de todos os proletários da Rússia, e com Bernard, bem depressa teríamos arranjado as coisas...»

«Início a Itália, os seus recursos, seus bancos, suas fábricas não são ainda de Borges; as forças francesas de Barthou, mas com Borges, em nome de todos os proletários da Rússia, e com Bernard, bem depressa teríamos arranjado as coisas...»

«Início a Itália, os seus recursos, seus bancos, suas fábricas não são ainda de Borges; as forças francesas de Barthou, mas com Borges, em nome de todos os proletários da Rússia, e com Bernard, bem depressa teríamos arranjado as coisas...»

«Início a Itália, os seus recursos, seus bancos, suas fábricas não são ainda de Borges; as forças francesas de Barthou, mas com Borges, em nome de todos os proletários da Rússia, e com Bernard, bem depressa teríamos arranjado as coisas...»

«Início a Itália, os seus recursos, seus bancos, suas fábricas não são ainda de Borges; as forças francesas de Barthou, mas com Borges, em nome de todos os proletários da Rússia, e com Bernard, bem depressa teríamos arranjado as coisas...»

«Início a Itália, os seus recursos, seus bancos, suas fábricas não são ainda de Borges; as forças francesas de Barthou, mas com Borges, em nome de todos os proletários da Rússia, e com Bernard, bem depressa teríamos arranjado as coisas...»

«Início a Itália, os seus recursos, seus bancos, suas fábricas não são ainda de Borges; as forças francesas de Barthou, mas com Borges, em nome de todos os proletários da Rússia, e com Bernard, bem depressa teríamos arranjado as coisas...»

«Início a Itália, os seus recursos, seus bancos, suas fábricas não são ainda de Borges; as forças francesas de Barthou, mas com Borges, em nome de todos os proletários da Rússia, e com Bernard, bem depressa teríamos arranjado as coisas...»

«Início a Itália, os seus recursos, seus bancos, suas fábricas não são ainda de Borges; as forças francesas de Barthou, mas com Borges, em nome de todos os proletários da Rússia, e com Bernard, bem depressa teríamos arranjado as coisas...»

«Início a Itália, os seus recursos, seus bancos, suas fábricas não são ainda de Borges; as forças francesas de Barthou, mas com Borges, em nome de todos os proletários da Rússia, e com Bernard, bem depressa teríamos arranjado as coisas...»

«Início a Itália, os seus recursos, seus bancos, suas fábricas não são ainda de Borges; as forças francesas de Barthou, mas com Borges, em nome de todos os proletários da Rússia, e com Bernard, bem depressa teríamos arranjado as coisas...»

«Início a Itália, os seus recursos, seus bancos, suas fábricas não são ainda de Borges; as forças francesas de Barthou, mas com Borges, em nome de todos os proletários da Rússia, e com Bernard, bem depressa teríamos arranjado as coisas...»

«Início a Itália, os seus recursos, seus bancos, suas fábricas não são ainda de Borges; as forças francesas de Barthou, mas com Borges, em nome de todos os proletários da Rússia, e com Bernard, bem depressa teríamos arranjado as coisas...»

«In

"A BATALHA" NO PORTO

Em que se relata a «tramoia» dum senhorio, ao mesmo tempo colega do inquilino perseguido.
Suborno de autoridades na vingança. — Scena de tiros. — Advogados que se recusam a tomar conta da questão. — O compromisso da polícia, como na «Traulitânia»

Ultimamente tem-se agravado as questões existentes entre os inquilinos e os respeitáveis senhorios, os últimos dos quais, para que as suas proezas resultem de um êxito eficaz, não olham a despesas para a subornação dos agentes da justiça. E, infelizmente, e pôsto que o regime de bandalheiras e de venalidade alargando o seu raio de ação, esses subornos não se feito sentir. O diário compra a justiça, anula os códigos e vence a razão.

Os jornais desse borgo, incluindo o importante órgão da moagem, referiam-se a um caso de despejo tentado contra o carteiro Manuel Soares de Matos, em que claramente se evidenciou escândalo, que provocou até uma cena de tiros no tribunal de S. João Novo. Imediatamente, aquela imprensa, ou por falta de informes ou por pedidos que muitas vezes costumam haver, não disse tudo, o que significa "que vamos nos tentar-lá".

Assim, nada sabendo, o carteiro Matos nada contestou e passados os cinco dias procedeu ao despejo da mobília, na ausência do seu dono que, quando se dirigia para casa, encontrou tudo ao sol...

Mas ainda chegou a tempo. O Alberto Pinheiro de Almeida, que não se contentou com o bolo dos 200\$000, em face do bom êxito obtido pelo trabalho bem conduzido, que honra sobremaneira as instituições judiciais, exigeu ao José de Paiva mais 200\$000, como última gratificação de um inteligente manobra. Contudo, o proprietário da avenida de Fernão Magalhães, ovante, vitorioso e vendo o serviço feito, não esteve pelos ajustes; que se rechasse só com mais 100\$000, que era quanto lhe podia dar. Intransigente, o Alberto Pinheiro tratou de desfazer o que estava feito, isto é: aconselhou Manuel Soares de Matos: a que visse se alcançava uma chave que servisse na fechadura; a que abrisse a porta; e a que metesse, muito depressinha, a mobília na casa, fechando-se por dentro, porque tudo quanto se fôr ilegal, sim, uma tramoia descarada, protegendo o acto de recuperação... E o carteiro Matos assim procedeu. Mercede a vingança de Alberto Pinheiro de 13 de fevereiro...

Então as coisas passaram-se sinteticamente assim: o representante do senhorio Alberto Moreira, o mencionado José de Paiva, promoveu uma ação de despejo ao dito Soares de Matos, alegando que ele tinha em casa uma serralheria e uma alfaiataria. Mas como a alegação era falsíssima e apenas destinada a iludir a boa fé do magistrado, para que o perseguido não pudesse apresentar, no prazo de cinco dias e como manda a lei, faciliamente contestação, os dois subornados do tribunal civil não entregaram ao interessado o respectivo aviso da resolução do juiz, a fim de opor reclamação se a tivesse de fazer — praxe legal que está determinada na lei. Para se encobrir a patifaria da não entrega do aviso, comunicação ou o quer que é, arranjaram-se duas testemunhas perjuradas, para garantirem que o tal aviso chegara ao seu destino! Piramidal!

Assim, nada sabendo, o carteiro Matos nada contestou e passados os cinco dias procedeu ao despejo da mobília, na ausência do seu dono que, quando se dirigia para casa, encontrou tudo ao sol...

Em assembleia geral, reuniu esta colectividade para prestação das contas do 2.º trimestre do corrente ano, sendo nomeada uma comissão para as verificações e o seu parecer.

A seguir, ocupou-se dos factos que se passaram na reunião magna que se realizou no dia 11 do corrente, fazendo uso da palavra vários sócios, que foram todos unanimes em considerar essa assembleia ilegal, visto terem tomado parte nela indivíduos estranhos à classe, que são sócios da associação do Edital, que é a sua apologistas do Edital, os quais correram o risco de serem agredidos.

2.º Protestar contra quem interveiu numa questão que não lhes diz respeito, assim como contra as perseguições que se estão exercendo contra os vendedores que são sócios da associação de classe ou que são apologistas do Edital, perseguições essas que consistem em negar-lhes os jornais ou dar-lhos muito tarde.

3.º Intimar o indivíduo que presidiu à referida assembleia para enviar a esta associação os nomes dos indivíduos que compõem a mesa, assim como a lista dos nomes que se inscreveram na associação para protestar contra o Edital, para se verificar a identidade desses indivíduos e tornar esse presidente responsável por tudo o que se passou.

4.º Informar ao sr. governador civil de todos os factos que se tem preso, assim como das perseguições que se estão exercendo, para sua exa. ver que não é a classe que não quer o Edital,

5.º Informar da mesma forma a União dos Sindicatos Operários do Porto, pondo-o de sobre-aviso para intervir nesta questão logo que se torne necessário, assim como a Federação Portuguesa dos Trabalhadores do Livro e do Jornal afim de tratar do assunto junto do sr. ministro do Interior.

6.º Oficiar a quem pretende exercer coação para não negar liberdade aos vendedores de serem ou não sócios da associação de classe e pensarem como entenderem a favor ou contra o Edital.

7.º No caso que as perseguições não cessem, publicar um manifesto ao público dando-lhe conhecimento do que se pratica e entregá-lo à União dos Sindicatos Operários a resolução do assunto.

8.º Oficiar a quem pretende exercer coação para não negar liberdade aos vendedores de serem ou não sócios da associação de classe e pensarem como entenderem a favor ou contra o Edital.

9.º Oficiar a quem pretende exercer coação para não negar liberdade aos vendedores de serem ou não sócios da associação de classe e pensarem como entenderem a favor ou contra o Edital.

10.º Oficiar a quem pretende exercer coação para não negar liberdade aos vendedores de serem ou não sócios da associação de classe e pensarem como entenderem a favor ou contra o Edital.

11.º Oficiar a quem pretende exercer coação para não negar liberdade aos vendedores de serem ou não sócios da associação de classe e pensarem como entenderem a favor ou contra o Edital.

12.º Oficiar a quem pretende exercer coação para não negar liberdade aos vendedores de serem ou não sócios da associação de classe e pensarem como entenderem a favor ou contra o Edital.

13.º Oficiar a quem pretende exercer coação para não negar liberdade aos vendedores de serem ou não sócios da associação de classe e pensarem como entenderem a favor ou contra o Edital.

14.º Oficiar a quem pretende exercer coação para não negar liberdade aos vendedores de serem ou não sócios da associação de classe e pensarem como entenderem a favor ou contra o Edital.

15.º Oficiar a quem pretende exercer coação para não negar liberdade aos vendedores de serem ou não sócios da associação de classe e pensarem como entenderem a favor ou contra o Edital.

16.º Oficiar a quem pretende exercer coação para não negar liberdade aos vendedores de serem ou não sócios da associação de classe e pensarem como entenderem a favor ou contra o Edital.

17.º Oficiar a quem pretende exercer coação para não negar liberdade aos vendedores de serem ou não sócios da associação de classe e pensarem como entenderem a favor ou contra o Edital.

18.º Oficiar a quem pretende exercer coação para não negar liberdade aos vendedores de serem ou não sócios da associação de classe e pensarem como entenderem a favor ou contra o Edital.

19.º Oficiar a quem pretende exercer coação para não negar liberdade aos vendedores de serem ou não sócios da associação de classe e pensarem como entenderem a favor ou contra o Edital.

20.º Oficiar a quem pretende exercer coação para não negar liberdade aos vendedores de serem ou não sócios da associação de classe e pensarem como entenderem a favor ou contra o Edital.

21.º Oficiar a quem pretende exercer coação para não negar liberdade aos vendedores de serem ou não sócios da associação de classe e pensarem como entenderem a favor ou contra o Edital.

22.º Oficiar a quem pretende exercer coação para não negar liberdade aos vendedores de serem ou não sócios da associação de classe e pensarem como entenderem a favor ou contra o Edital.

23.º Oficiar a quem pretende exercer coação para não negar liberdade aos vendedores de serem ou não sócios da associação de classe e pensarem como entenderem a favor ou contra o Edital.

24.º Oficiar a quem pretende exercer coação para não negar liberdade aos vendedores de serem ou não sócios da associação de classe e pensarem como entenderem a favor ou contra o Edital.

25.º Oficiar a quem pretende exercer coação para não negar liberdade aos vendedores de serem ou não sócios da associação de classe e pensarem como entenderem a favor ou contra o Edital.

26.º Oficiar a quem pretende exercer coação para não negar liberdade aos vendedores de serem ou não sócios da associação de classe e pensarem como entenderem a favor ou contra o Edital.

27.º Oficiar a quem pretende exercer coação para não negar liberdade aos vendedores de serem ou não sócios da associação de classe e pensarem como entenderem a favor ou contra o Edital.

28.º Oficiar a quem pretende exercer coação para não negar liberdade aos vendedores de serem ou não sócios da associação de classe e pensarem como entenderem a favor ou contra o Edital.

29.º Oficiar a quem pretende exercer coação para não negar liberdade aos vendedores de serem ou não sócios da associação de classe e pensarem como entenderem a favor ou contra o Edital.

30.º Oficiar a quem pretende exercer coação para não negar liberdade aos vendedores de serem ou não sócios da associação de classe e pensarem como entenderem a favor ou contra o Edital.

31.º Oficiar a quem pretende exercer coação para não negar liberdade aos vendedores de serem ou não sócios da associação de classe e pensarem como entenderem a favor ou contra o Edital.

32.º Oficiar a quem pretende exercer coação para não negar liberdade aos vendedores de serem ou não sócios da associação de classe e pensarem como entenderem a favor ou contra o Edital.

33.º Oficiar a quem pretende exercer coação para não negar liberdade aos vendedores de serem ou não sócios da associação de classe e pensarem como entenderem a favor ou contra o Edital.

34.º Oficiar a quem pretende exercer coação para não negar liberdade aos vendedores de serem ou não sócios da associação de classe e pensarem como entenderem a favor ou contra o Edital.

35.º Oficiar a quem pretende exercer coação para não negar liberdade aos vendedores de serem ou não sócios da associação de classe e pensarem como entenderem a favor ou contra o Edital.

36.º Oficiar a quem pretende exercer coação para não negar liberdade aos vendedores de serem ou não sócios da associação de classe e pensarem como entenderem a favor ou contra o Edital.

37.º Oficiar a quem pretende exercer coação para não negar liberdade aos vendedores de serem ou não sócios da associação de classe e pensarem como entenderem a favor ou contra o Edital.

38.º Oficiar a quem pretende exercer coação para não negar liberdade aos vendedores de serem ou não sócios da associação de classe e pensarem como entenderem a favor ou contra o Edital.

39.º Oficiar a quem pretende exercer coação para não negar liberdade aos vendedores de serem ou não sócios da associação de classe e pensarem como entenderem a favor ou contra o Edital.

40.º Oficiar a quem pretende exercer coação para não negar liberdade aos vendedores de serem ou não sócios da associação de classe e pensarem como entenderem a favor ou contra o Edital.

41.º Oficiar a quem pretende exercer coação para não negar liberdade aos vendedores de serem ou não sócios da associação de classe e pensarem como entenderem a favor ou contra o Edital.

42.º Oficiar a quem pretende exercer coação para não negar liberdade aos vendedores de serem ou não sócios da associação de classe e pensarem como entenderem a favor ou contra o Edital.

43.º Oficiar a quem pretende exercer coação para não negar liberdade aos vendedores de serem ou não sócios da associação de classe e pensarem como entenderem a favor ou contra o Edital.

44.º Oficiar a quem pretende exercer coação para não negar liberdade aos vendedores de serem ou não sócios da associação de classe e pensarem como entenderem a favor ou contra o Edital.

45.º Oficiar a quem pretende exercer coação para não negar liberdade aos vendedores de serem ou não sócios da associação de classe e pensarem como entenderem a favor ou contra o Edital.

46.º Oficiar a quem pretende exercer coação para não negar liberdade aos vendedores de serem ou não sócios da associação de classe e pensarem como entenderem a favor ou contra o Edital.

47.º Oficiar a quem pretende exercer coação para não negar liberdade aos vendedores de serem ou não sócios da associação de classe e pensarem como entenderem a favor ou contra o Edital.

48.º Oficiar a quem pretende exercer coação para não negar liberdade aos vendedores de serem ou não sócios da associação de classe e pensarem como entenderem a favor ou contra o Edital.

49.º Oficiar a quem pretende exercer coação para não negar liberdade aos vendedores de serem ou não sócios da associação de classe e pensarem como entenderem a favor ou contra o Edital.

50.º Oficiar a quem pretende exercer coação para não negar liberdade aos vendedores de serem ou não sócios da associação de classe e pensarem como entenderem a favor ou contra o Edital.

51.º Oficiar a quem pretende exercer coação para não negar liberdade aos vendedores de serem ou não sócios da associação de classe e pensarem como entenderem a favor ou contra o Edital.

52.º Oficiar a quem pretende exercer coação para não negar liberdade aos vendedores de serem ou não sócios da associação de classe e pensarem como entenderem a favor ou contra o Edital.

53.º Oficiar a quem pretende exercer coação para não negar liberdade aos vendedores de serem ou não sócios da associação de classe e pensarem como entenderem a favor ou contra o Edital.

54.º Oficiar a quem pretende exercer coação para não negar liberdade aos vendedores de serem ou não sócios da associação de classe e pensarem como entenderem a favor ou contra o Edital.

55.º Oficiar a quem pretende exercer coação para não negar liberdade aos vendedores de serem ou não sócios da associação de classe e pensarem como entenderem a favor ou contra o Edital.

56.º Oficiar a quem pretende exercer coação para não negar liberdade aos vendedores de serem ou não sócios da associação de classe e pensarem como entenderem a favor ou contra o Edital.

57.º Oficiar a quem pretende exercer coação para não negar liberdade aos vendedores de serem ou não sócios da associação de classe e pensarem como entenderem a favor ou contra o Edital.

58.º Oficiar a quem pretende exercer coação para não negar liberdade aos vendedores de serem ou não sócios da associação de classe e pensarem como entenderem a favor ou contra o Edital.

59.º Oficiar a quem pretende exercer coação para não negar liberdade aos vendedores de serem ou não sócios da associação de classe e pensarem como entenderem a favor ou contra o Edital.

60.º Oficiar a quem pretende exercer coação para não negar liberdade aos vendedores de serem ou não sócios da associação de classe e pensarem como entenderem a favor ou contra o Edital.

61.º Oficiar a quem pretende exercer coação para não negar liberdade aos vendedores de serem ou não sócios da associação de classe e pensarem como entenderem a favor ou contra o Edital.

62.º Oficiar a quem pretende exercer coação para não negar liberdade aos vendedores de serem ou não sócios da associação de classe e pensarem como entenderem a favor ou contra o Edital.

63.º Oficiar a quem pretende exercer coação para não negar liberdade aos vendedores de serem ou não sócios da associação de classe e pensarem como entenderem a favor ou contra o Edital.

64.º Oficiar a quem pretende exercer coação para não negar liberdade aos vendedores de serem ou não sócios da associação de classe e pensarem como entenderem a favor ou contra o Edital.

65.º Oficiar a quem pretende exercer coação para não negar liberdade aos vendedores de serem ou não sócios da associação de classe e pensarem como entenderem a favor ou contra o Edital.

66.º Oficiar a quem pretende exercer coação para não negar liberdade aos vendedores de serem ou não sócios da associação de classe e pensarem como entenderem a favor ou contra o Edital.

67.º Oficiar a quem pretende exercer coação para não negar liberdade aos vendedores de serem ou não sócios da associação de classe e pensarem como entenderem a favor ou contra o Edital.

68.º Oficiar a quem pretende exercer coação para não negar liberdade aos vendedores de serem ou não sócios da associação de classe e pensarem como entenderem a favor ou contra o Edital.

69.º Oficiar a quem pretende exercer coação para não negar liberdade aos vendedores de serem ou não sócios da associação de classe e pensarem como entenderem a favor ou contra o Edital.

70.º Oficiar a quem pretende exercer coação para não negar liberdade aos vendedores de serem ou não sócios da associação de classe e pensarem como entenderem a favor ou contra o Edital.

71.º Oficiar a quem pretende exercer coação para não negar liberdade aos vendedores de serem ou não sócios da associação de classe e pensarem como entenderem a favor ou contra o Edital.

72.º Oficiar a quem pretende exercer coação para não negar liberdade aos vendedores de serem ou não sócios da associação de classe e pensarem como entenderem a favor ou contra o Edital.

73.º Oficiar a quem pretende exercer coação para não negar liberdade aos vendedores de serem ou não sócios da associação de classe e pensarem como entenderem a favor ou contra o Edital.

74.º Oficiar a quem pretende exercer coação para não negar liberdade aos vendedores de serem

